


**Cidade caleidoscópica:
olhares múltiplos sobre o fenômeno urbano**

Apresentação do dossiê
Patrimônio e cidades

Jorge Miklos

Universidade Paulista (UNIP), São Paulo, São Paulo, Brasil
 <https://orcid.org/000-0003-3371-7297>
E-mail: jorgemiklos@gmail.com

Em 2008, pela primeira vez na história, mais da metade da população do planeta passou a viver nas cidades. De acordo com a ONU, em 2050, 70% da população mundial viverá nas cidades. Algumas dessas cidades são denominadas de megacidades, uma vez que comportam uma população acima de 10 milhões de habitantes, que funcionam como portais para a globalização, uma vez que possuem um alto fluxo de pessoas, mercadorias, conhecimentos. Entretanto, a partilha e o acesso aos bens e serviços não se dão de maneira equilibrada. A isso soma-se um crescimento desordenado que tem produzido o quadro geral de crescimento de favelas que abrigam 1/3 da população urbana. É diante desse cenário que David Harvey, em seu livro *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*, comenta:

Saber que tipo de cidade queremos é uma questão que não pode ser dissociada de saber que tipo de vínculos sociais, relacionamentos com a natureza, estilos de vida, tecnologias e valores estéticos nós desejamos. O direito à cidade é muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo, e não individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos, é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados. (HARVEY, 2014, p. 28).

David Harvey descreve que “reivindicar o direito a cidade (...) equivale a reivindicar algum tipo de processo configurador sobre os processos de urbanização” (2014, p. 30), o que justifica o processo de conquista da moradia e permite o acesso a uma nova realidade, em que os moradores de áreas de ocupação, passem a ser vistos como pessoas passíveis de direitos e deveres na sociedade moderna, que

ainda segundo o autor apresenta-se cada vez mais como cidades divididas, fragmentadas e propensas a conflitos, revelados nos movimentos sociais urbanos que, de acordo com Harvey, buscam “superar o isolamento e reconfigurar a cidade de modo que ela passe a apresentar uma imagem social diferente”, pautadas nos “ideais de identidade urbana, cidadania e pertença, de uma política urbana coerente” que funcione como um “corpo político coletivo”.

Se é verdade que a civilização é produto da cidade, a tendência é pensar que o processo foi constituído por um paradoxo. Quando mais se alastra a vida urbana, mais se alastra a irracionalidade. Não é na aldeia global, na megalópole, que a vida floresce com dignidade e plenitude

É impossível dissociar o fenômeno da urbanização e do crescimento das cidades com o fenômeno da globalização, cuja equação resulta em desigualdade e a necessidade de organização pelos direitos. Não por acaso, a despeito do ativismo digital, as cidades se transformaram em palcos de protestos e reivindicações. Para mudar a cidade é preciso repensá-la em todas as suas dimensões, incluindo sua história e sua memória.

Nesse sentido, é oportuno que a revista *Patrimônio e Memória* traga em seu dossiê a temática “Patrimônio e cidades”. Nesse número, vários pesquisadores colaboram para discutir a cidade a partir de diferentes perspectivas, focando desde ferrovias, praças, centros históricos, patrimônios ambientais urbanos, turismo, entre outros.

A despeito de todas as contribuições estarem alinhadas à temática do dossiê, a diversidade de abordagens sugere um reflexo do fenômeno urbano, ou seja, espaços sociais mistos de estruturação social complexa, tecidos indistintamente, de maneira retalhada, desenhando um complexo caleidoscópio urbano.

Os artigos aqui selecionados inserem-se nesse contexto de reflexão sobre a cidade, não apenas como expressão da vivência, mas, também, como projeto político e, principalmente, como disposição de transformação de tudo o que compõe a cidade.

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: M. Fontes, 2014

Jorge Miklos é Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista (UNIP). Pós-Doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Comunicação e Semiótica e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Graduado em História pelo Centro Universitário Assunção (UNIFAI) e em Ciências Sociais pela Universidade Metodista de São Paulo. Vice-Presidente da ABCiber (Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura).

Como citar:

MIKLOS, Jorge. Cidade caleidoscópica: olhares múltiplos sobre o fenômeno urbano. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 16, n. 1, p. 1-3, jan./jun. 2020. Apresentação do dossiê: Patrimônio e cidades. Disponível em: pem.assis.unesp.br.